

EDITORIAL

Diz um verso de Manoel de Barros, *Perdoai. Mas eu preciso ser Outros*. Como um enunciado tão singelo pode dizer tanta coisa sobre nós? Como no poema *Retrato do artista quando coisa*, do poeta cuiabano, e o grafite parisiense, presentes nesta edição, sugerem: é necessário um novo estilo de vida, ou melhor, uma nova humanidade... Buscar ser *outros* pode e, talvez, tenha que ser pautado por nós. Buscar ser outros é buscar também se reinventar, é fazer diferente, é não aceitar com resignação o que se é ou onde ou como se está. Sem dúvida, precisamos ser, cada vez mais, *outros* no cenário social, intelectual e político atual. A revista *Encontros de Vista*, na esteira de busca das novas faces diante das suas fases, dá continuidade à discussão iniciada na edição 2016.1, apresentando trabalhos e reflexões realizados no GELNE – Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. São trabalhos que evidenciam a literatura e a língua(gem) com suas matizes variadas de objeto(s) de estudo(s), a gramática, a língua, a arte, a humanidade, a vida! Em “Concretizando Desejos: aspectos pós-coloniais e a emancipação feminina no poema *Pingentes de Citrino*, de Adélia Prado”, Adriana Minervina da Silva discute a questão da emancipação feminina e os aspectos considerados pós-coloniais. Neste trabalho, faz-se uma reflexão sobre a voz feminina historicamente silenciada. Trata-se de um artigo rico na discussão teórica que oferece, ao mesmo tempo em que discute como o poema *Pingentes de citrino* “desconstrói” o pensamento colonizador sobre o gênero feminino e se mostra como prova de que a literatura pode ser um lugar favorável para a construção de gênero numa perspectiva de emancipação para a mulher.

Bianca Campello Rodrigues Costa aborda, em “O romance romântico e a pintura de paisagem: documentos do espaço”, como literatura e pintura, nos fins do século XIX a partir de um gênero pictórico, mantiveram relações em sua historicidade e o processo especular mantido entre a poética ficcional do espaço na literatura e a pintura de paisagem. Sua análise se constitui numa discussão das obras do Romantismo e visa ao aprofundamento do conhecimento da relação entre as artes neste período e seu foco na paisagem. Costa revela com detalhes o encontro dessas artes na forma de espelhar o mundo.

Defendendo a literatura como objeto de trabalho para a formação de leitores literários e de futuros “professores-leitores” que compreendam o discurso singular do literário e que estes auxiliem nos caminhos de sua formação profissional, Érica Thereza Farias de Abrêu busca refletir sobre o ensino de literatura de língua espanhola nos cursos de formação de professores tomando o objeto literário como centro e não como meio para o domínio do objeto linguístico. Em seu artigo “A literatura em língua ‘estrangeira’ por si, um olhar”, a autora discute as experiências didáticas de alunos da graduação em um

curso de Letras/Espanhol de um curso superior, ressaltando a importância de um aporte teórico de estudo que passe pela teoria e crítica literária bem como pela fundamentação linguística.

À luz do Interacionismo Sociodiscursivo, Luciana Vieira Alves Rocha e Maria de Fátima Alves, em “Ensino de gêneros textuais escritos: um estudo de caso de uma professora de língua portuguesa do ensino médio”, buscam compreender as concepções docentes que subjazem a prática de ensino de gêneros escritos. Para tanto, investigam como os gêneros textuais escritos são concebidos e explorados por professores do Ensino Médio, tendo como *corpus* para análise uma entrevista com uma professora de escola pública de um município paraibano e as atividades planejadas e aplicadas por ela em turmas de 3º ano do Ensino Médio.

Com foco na relação entre Literatura e Cinema, o artigo “Uma análise intersemiótica da adaptação do livro *As horas* para o cinema”, de Luiza Moreira Dias, realiza uma análise da adaptação do livro *As Horas* (1998) – do norte-americano Michael Cunningham – para o cinema, dirigida pelo diretor Stephen Daldry, em 2002. Com base nos conceitos de adaptação, de Hutcheon (2006), e de metaficcão, de Bernardo (2012), a autora promove uma análise tanto do livro quanto do filme, observando as singularidades de cada linguagem e as relações intersemióticas entre as duas manifestações artísticas. No artigo “Cultura e léxico na obra machadiana”, Maryelle Nascimento analisa o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para compreender o modo como Machado de Assis dialoga sua ficção com a realidade brasileira e o modo como ressalta o vocabulário dos personagens como ferramenta de contextualização histórica. Tomando como base metodológica a pesquisa bibliográfica, a autora investiga a influência da linguagem nas falas dos personagens do referido romance e destaca a importância do papel do autor em situar sua obra no “tempo e no espaço”, além de relacionar história e literatura para defender como esta permite conhecer uma época.

O artigo de Noelma Cristina Ferreira dos Santos e Camilo Rosa Silva, intitulado “A funcionalidade dos fenômenos relativos: ‘O que’ em questão”, aborda a gramaticalização do pronome “o que”. Os objetivos são: analisar as funções sintáticas e semântico-discursivas desse item em textos escritos de registro monitorado; investigar o nível de gramaticalização em que essa forma se encontra; e analisar o contexto sintático em que ela está inserida. O *corpus* é composto de redações produzidas em um processo seletivo de uma escola técnica brasileira, para o ensino médio integrado ao profissionalizante. Os resultados apontam para a identificação de diferentes tipos de integração oracional com esse mesmo item e revela que esse pronome relativo também se mostra catafórico nas orações por ele introduzidas.

Fechando esta edição da revista, Wilck Camilo Ferreira de Santana, no artigo “Caçadas de Pedrinho e a formação crítica, ideológica e perceptiva do leitor literário”, aborda a produção de Monteiro Lobato pondo em paralelo a obra do ficcionista/crítico à do escritor de literatura infanto-juvenil com intuito de legitimar o valor e a atualidade das suas ideias pedagógicas. A análise, focada nas *Caçadas de Pedrinho*, busca investigar o projeto literário infantil de Lobato como ferramenta de formação e humanização. Além de ideias do próprio autor, a discussão pauta-se no pensamento de Antonio Candido

(1980), Marisa Lajolo (1999), Regina Zilberman (2004) entre outros estudiosos da Literatura, da Pedagogia e da Crítica de Monteiro Lobato, revelando como a teoria pedagógica lobateana torna a literatura um recurso didático.

Por fim, reiteramos, como de costume, nosso convite às leitoras e aos leitores para se renovarem com a décima oitava edição, ao mesmo tempo em que aproveitamos para anunciar a introdução de dossiês temáticos a partir do próximo número nas edições da *Encontros de Vista*. Sejam muito bem-vindos para desvelarem novas produções de sentido!

Brenda Carlos de Andrade
Mizael Inácio do Nascimento
Sandra Helena Melo
Valéria Severina Gomes